

Laboratório de Espaços Culturais

Revista da 4ª Edição | Ano 2020

Realização:



Expediente

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES
TÉCNICO-SOCIAL

Joel Naimayer Padula
COMUNICAÇÃO SOCIAL

Ivan Giannini
ADMINISTRAÇÃO
Luiz Deoclécio Massaro Galina

ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO
Sérgio José Battistelli

GERENTES
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO
Andréa de Araújo Nogueira
ARTES GRÁFICAS
Hélcio Magalhães

EQUIPE SESC

Mauricio Trindade, Marcos Toyansk,
Rafael Peixoto e Rosana Elisa Catelli

Laboratório de Espaços Culturais _ 4ª Edição

Idealização e Coordenação Geral
Marta Porto

Mediação e Registros

Gengibre Criativo
Carla Nieto Vidal
Fernando Uehara
Joana Tuttoilmondo

Palestrantes Convidados

Batman Zavareze
Beth Ponte
Fábio Delduque
Marcus Vinicius Faustini
Maria Vlachou

Revista da 4ª Edição

Revisão
Eliana Rocha Tuttoilmondo

Projeto Gráfico e Diagramação

Artur Porto e Rubem Hojo

Participantes da 4ª Edição

Ana Angélica Costa
Andréia Deodato
Aryane Sánchez
Bianca Ramos
Cadija Costa
Claudia Toni
Débora Bruno
Fernanda Vidigal
Guga Costa
Helena Guerra
Heloisa Vivanco Pires
Henrique Santos
Igor Cândido Costa
Isabela Silveira
Katharina Câmara
Luciana Soares
Lui Seixas
Mariana Várzea
Marleth Reis
Natalia Duarte
Natalia Mallo
Sandra Tucci
Teresa Mas
Valéria Freitas
Vilma Campos

Laboratório de Espaços Culturais 4ª Edição

O Laboratório de Espaços Culturais foi realizado em formato virtual entre os dias 18 de novembro e 03 de dezembro de 2020, totalizando cerca de 12 horas distribuídas em seis encontros realizados na plataforma.





Editorial

<i>A imaginação a serviço da reinvenção</i> Danilo Santos de Miranda	4
<i>Deslocar Sentidos para Reimaginar</i> Marta Porto	6
<i>As experiências Rizomáticas</i> Gengibre Criativo	10

Rizomas 13

<i>Perguntas e respostas para a qualidade em gestão cultural,</i> Beth Ponte	14
<i>Participação cultural como caminho para</i> <i>o envolvimento cívico e o fortalecimento da democracia,</i> Maria Vlachou	19
<i>Provocar questões: território, risco e processo,</i> Batman Zavareze, Marcus Faustini e Fábio Delduque	25

Exercícios 32

Experimentos

Experimento 1. Imaginação Cívica	34
Experimento 2. Desenvolvimento cultural	39
Experimento 3. Missão	44

Declarações	49
Trilha do Laboratório	55

Ler, Ver, Consultar 56

A imaginação a serviço da reinvenção

**Danilo Santos
de Miranda**

Trabalhar com cultura no atual contexto brasileiro, em meio a um cenário de pandemia que afetou diretamente os processos de criação, difusão e fruição das linguagens artísticas, que limitou e transformou manifestações tradicionais e que obrigou à reorganização dos espaços consagrados, nos instiga a refletir sobre as condições sociais de produção e gestão da área. Ademais, a realidade polarizada, atravessada por surtos autoritários que inserem as práticas culturais na linha de frente de guerras ideológicas, obriga a estar atento para as formas pelas quais estas têm sido instrumentalizadas e as maneiras que tornam possível garantir o seu desenvolvimento em acordo com os princípios da democracia – acolhendo a pluralidade de vozes – e da

democratização – estendendo-a a um maior número de pessoas. O interstício, assim, convida a reavaliar o passado, dialogar com o presente e preparar um futuro que não seja, simplesmente, repetição.

Quando as medidas de distanciamento social entraram em vigor, as instituições acostumadas a receber o público estiveram entre as primeiras afetadas. Diante da suspensão da programação habitual e das políticas que classificavam as atividades a partir de sua “essencialidade”, também questionamos: faz sentido seguir atuando no universo do sensível em meio a uma tragédia dessa magnitude? Se sim, de que forma? Como se relacionar à distância com os mais diversos públicos sem abrir mão

da lógica do acolhimento? Até que ponto era importante agarrar-se ao “velho normal”, reproduzindo, por outros meios, antigas práticas, e até que ponto o momento constituía-se como oportuno para a reinvenção?

Vários meses depois, o papel desempenhado pelas instituições e profissionais da cultura em meio à crise sanitária está mais claro. Dando lugar às dores, registrando as memórias e aglutinando indivíduos e grupos, sua contribuição no reforço dos laços de solidariedade e na reconstrução do esgarçado tecido social é percebido dia a dia. Não se pode deixar de considerar, no entanto, que embora criadores tenham encontrado soluções imaginativas para seguir trabalhando e transformando o campo, como mostra a pesquisa “Percepção dos impactos da Covid-19 nos setores cultural e criativo do Brasil”, dificuldades econômicas reascenderam a discussão sobre o apoio público direcionado a espaços e profissionais da área. Se a Lei Aldir Blanc constitui um avanço nesse sentido, o alcance limitado da ajuda em caráter emergencial nos lembra que são necessárias políticas públicas estruturais que fortaleçam o setor a médio e longo prazo.

No caso do Sesc, a conjuntura ampliou a importância da missão de contribuir para o bem-estar e a melho-

ria da qualidade de vida das pessoas, em especial dos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo e seus familiares. A transversalidade que caracteriza a ação socioeducativa da instituição tem permitido combinar, por exemplo, ações artísticas e campanhas contra a fome potencializando o seu impacto social.

Mas longe de estarem esgotadas, reflexões e ações como essas não se fazem sozinho. Assim, acreditando que experiências inspiradoras podem instigar pensamentos e realizações de maior alcance, reunimos dezenas de gestores e profissionais da cultura no Laboratório de Espaços Culturais, agora em sua 4ª edição sob a coordenação da pesquisadora e consultora Marta Porto. Trata-se de uma prática formativa que, ao modo de uma obra de arte, busca criar uma dobra na vida cotidiana, impregnando-a de poesia.

Espero que o leitor encontre nesta publicação, que traz as contribuições dos participantes, sentidos e significados que permitam uma convergência de anseios, na busca da necessária transformação social direcionada à consecução de condições mais dignas de vida em sociedade.

Boa leitura!

Deslocar sentidos para reimaginar

Marta Porto

A 4ª edição do Laboratório de Espaços Culturais, realizado pelo Centro de Pesquisa e Formação|Sesc SP desde 2015, ocorreu em um dos momentos mais difíceis e impiedosos que o Brasil já viveu em sua história recente. À pandemia do coronavírus, que causou 191.735 mortes até dezembro de 2020¹ e jogou no desemprego e na vulnerabilidade milhões de brasileiros, soma-se a incúria da política, a regressão democrática e o isolamento do Brasil do sistema de cooperação internacional que poderia nos trazer mais alento e confiança em um contexto de incertezas e tragédia humana.

1 Na data em que escrevo este texto (07 de março 2021), o Brasil bate recorde de mortes diárias e contabiliza 264.446 óbitos.

Reunir trinta gestores e lideranças culturais nesse contexto **foi um ato de resistência, uma forma de transgredir o estado de emergência e colocar corpos e mentes unidos a pensar o presente e o futuro das práticas culturais.** “O que sobra da imaginação após a catástrofe?”, foi a pergunta-chave que deu régua e compasso a esse laboratório.

Para liderar esse processo, tangenciado muitas vezes pela dor e o luto dos participantes, me inspirei no trabalho da artista *ready-made* Claire Fontaine² e em sua noção de greve humana³, que ativa pequenos deslocamentos de sentido, uma espécie de *zona livre*, para provocar um lugar “onde o antigo sentido já não impera, mas não há um novo sentido no lugar”⁴. **O laboratório**

² Claire Fontaine foi criada em 2004 pela dupla de artistas Fulvia Carnevale e James Thornhill, autointitulada “coletiva, feminista e conceitual”. Ler: <https://www.clairefontaine.ws/> https://en.wikipedia.org/wiki/Claire_Fontaine Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=B-7JjJHUwqCE>

³ <https://medium.com/nossa-voz/a-greve-humana-j%C3%A1-com-me%C3%A7ou-50412238790c>

⁴ Hal Foster. *O que vem depois da farsa?* São Paulo: Ubu Editora, 2021. O livro de Foster foi publicado no Brasil após a realização do laboratório, e nos ajudou a elaborar o recorte inicial inspirado no trabalho de Claire Fontaine.

então se organizou na construção dessa zona livre, convidando os participantes a expandir suas percepções sobre as vivências do presente e a transgredir, a partir da criação de sons e trilhas, declarações de mundo, palavras e elaborações-chaves que funcionassem como as instalações de neon de Claire Fontaine em um país que nos joga diariamente na corda bamba.



No convite de divulgação do laboratório já estava incluído o desafio de criarmos esta publicação, um registro do percurso e uma declaração sobre a importância de as instituições culturais, sejam elas quais forem, elaborarem suas dúvidas, questionamentos e sentidos de relevância no momento crucial que vivemos. Não basta pensar em reabertura ou em retomada tendo como ponto de referência o que já foi perdido no elo do isolamento pandêmico. Uma imposição ética mantém acesas as perguntas: qual a relevância das instituições culturais no presente para acolher a dor dos vários lutos coletivos que vivemos? Como propor formas de apoiar a sociedade em sua regeneração? O que nos mantém vivos diante da catástrofe? E como a cultura pode ser uma ponte da transcrição⁵ dessa sensação de exílio para um lugar de confiança, afetos e transformação usando as ferramentas que temos: a arte, a poética, a catarse, o choque, a representação, a metáfora e a metonímia, a transgressão e a possibilidade de “encontrar um potencial nessas figuras arrasadas”⁶.

Cada um dos mais de trinta participantes, entre convidados, inscritos e gestores do laboratório, se propôs

5 Termo cunhado pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos.

6 Hal Foster, *op cit.*, p. 75.

a enfrentar seus medos e angústias e organizar esse caminho para a transcrição do presente, às vezes individualmente, mas na maioria do tempo de forma coletiva. O resultado editorial espelha com fidelidade esse percurso e a combinação de experiências diversas nele presentes. Gestores como Beth Ponte e Maria Vlachou lembraram em suas participações que qualquer mudança só pode ser percebida se adentrar os muros das organizações, alterar noções de liderança, sugerir caminhos para a tomada mais humana e igualitária de decisões de seus conselhos e executivos; e reorganizar os planos de trabalho, os objetivos e as missões institucionais. Sem isso, teremos grandes ideias e filosofias para nos confortar, mas muito pouco a oferecer à sociedade e ao tempo que nos coube viver. Outros convidados, como Batman Zavareze, Fábio Delduque e Marcus Faustini, partiram de suas práticas artísticas e curatoriais para destacar a importância da intuição, do risco e da experimentação como fundamentos para a criação de um ato artístico-cultural com força para transpor a realidade de anomia e exaustão social.

Sem dúvida, risco e coragem são os ingredientes para enfrentarmos com dignidade esse momento conturbado e dolorido que o Brasil e o mundo vivem. Em espe-

cial em um país como o nosso, fundado na aversão ao pensamento crítico, à liberdade política e artística, essa tarefa deve ser assumida com clareza, com consciência crítica e como dever cívico de nossa geração. É preciso transcriar os lugares que até aqui nos ofereceram sensação de segurança, mesmo que provisória. O sistema cultural não encontrará abrigo na sociedade dos comuns se continuar se refugiando no entretenimento fácil e nas disputas paralelas dos pequenos poderes, insistindo em ganhar solitariamente terreno político, financeiro e na mídia, enquanto a maioria do nosso povo sofre com fome e desalento. Resistir legalmente à censura institucional e às forças de opressão que ressurgem no país é urgente, mas não é suficiente para devolver ao setor cultural sua relevância para o bem comum.

As semanas de trabalho coletivo no laboratório de espaços culturais nos mostrou isso. Uma preocupação

genuína de participar da vida pública do país, ocupando um lugar de diálogo orientado para manter vivo o espírito e o ânimo de cidadania. Como as placas de neon de Claire Fontaine, insistir naquilo que muitos não querem ou deixaram de ver: há espaço para a mudança. O afeto, a solidariedade, a poesia e a compaixão são as nossas melhores armas para a resistência cívica.

Ao longo desta publicação, o leitor vai encontrar uma matéria viva, tecida a muitas mãos que generosamente buscaram moldar o barro do qual todos nós viemos e ao qual pertencemos. Um sopro de esperança conduziu esse trabalho, que realizamos sempre olhando para o dia em que nos encontraremos de novo com nosso país, quem sabe mais maduros e calejados, prontos então para perceber o que um passado de escravidão, dor e submissão da vontade de muitos a pequenez de alguns nos trouxe.

As experiências rizomáticas

Gengibre Criativo

como um mapa que se espalha em todas as direções, se abre e se fecha, pulsa, constrói e desconstrói. Cresce onde há espaço, floresce onde encontra possibilidades, cria seu ambiente. Se trata de ciência? Isso importa? São apenas agenciamentos, linhas movendo-se em várias direções, escapando pelos cantos, o desejo segue direções, se esparrama, faz e desfaz alianças. Chame do que quiser então: “riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.

Deleuze & Guattari, Mil Platôs I.

O Gengibre Criativo é uma comunidade de trabalho que se formou como consequência das afinidades e afetos que nasceram e foram cultivados ao longo do nosso convívio nos últimos quinze anos, quando nos encontrávamos, em momentos distintos, em outros projetos na área cultural.

No ano 2017, a partir de conversas informais, começamos a perceber uma ruptura no modelo de produção da cultura que até então experimentamos, e que era necessário conceber novos formatos de parcerias, mais horizontalizadas e colaborativas. Não queríamos um espaço fixo e sim territórios, como placas tectônicas, que nos possibilitassem vários arranjos e formas de colaboração, com mais autonomia, cocriação e impacto.

Assim, em 2018, criamos o rizoma Gengibre Criativo, que antes de tudo tem como seu patrimônio as visões de mundo, formações, experimentações e trajetórias de cada um de nós, além de um desejo genuíno de depuração e frescor na forma de criar e fazer projetos. Um rizoma que se irriga na observação e se move através das forças de seu próprio campo de atuação. Que tem como intenções integrar saberes, celebrar o encontro e reunir universos que nos inspiram em benefício de um todo comunitário.

O Laboratório de Espaços Culturais

Foi como espectadores curiosos que chegamos ao Laboratório de Espaço Culturais, proposição de Marta Porto que já vem sendo desenvolvida há alguns anos e que já havíamos integrado como participantes numa edição anterior. Desse novo lugar, como “escutadores”, pudemos vivenciar as interações do grupo que se formou a partir da lógica do nosso rizoma, que é a observação livre de interferências, e essa foi, de certa forma, uma das principais características da nossa atuação. Além desse lugar, e a partir do programa elaborado pela Marta para esta versão do Laboratório, pudemos colaborar com a proposição da organização do percurso, que começou com a apresentação do roteiro, por meio do caderno de apresentações dos participantes, e seguiu com a sugestão de trilhas de leituras (livros, textos, artigos, filmes, documentários) e com alguns exercícios e ativações para ensejar um ambiente convidativo e aberto a cada integrante, sua experiência, suas visões e inquietações. Tudo sempre propício ao diálogo e ao pensar em conjunto. Entre um encontro e outro, procuramos observar atentamente o que foi abordado e levantado, para incentivar os desdobramentos no encontro seguinte e também organi-

zar as principais discussões, documentando o percurso e trazendo ao grupo esse processamento, como componentes depurados para os exercícios que se seguiram. Por fim, atuamos na organização do todo que brotou nesses dias de laboratório, reunindo as reflexões e proposições da Marta e do grupo coeso e unido que se formou. O Laboratório de Espaços Culturais, realizado entre os últimos dois meses do ano pandêmico de 2020, serviu como uma espécie de alento, de abraço caloroso em meio a dias tão difíceis que atravessamos e ainda atravessaremos. Era como se pudéssemos estar num lugar à deriva, mas totalmente seguros, e essa percepção de cuidado e segurança emanada pelo grupo foi algo que buscamos preservar para que este documento pudesse refletir a dinâmica das horas em que estivemos juntos.

Recrutar, Refazer, Enfrentar

Dos diversos momentos e interações do Laboratório, evidenciou-se como uma constante, tanto nos convidados como nos participantes, a postura atenta e desejosa de criar um novo lugar, onde a cultura seja entendida como um percurso que colabora conscientemente com os novos arranjos para um mundo em revisão.

Mas de que mundo estamos falando? Não sabemos ainda, tamanha a complexidade das camadas que adentramos a partir da pandemia. Entre as tantas coletas que buscamos organicamente organizar desses intensos dias compartilhados, uma que ainda reside em nós é a percepção de que parte dos conteúdos e reflexões por nós ativados seja também uma consequência imediata da pandemia da Covid-19, um quase sintoma da doença que, não contente em atacar nossos corpos físicos e mentes, atua também no corpo simbólico de nossa existência, no conjunto de valores que nos sustentam em direção a imaginar futuros possíveis, desejáveis e acessíveis. Não haverá vacina que dê conta de tanto adoecimento, a não ser que seja conjugada com outros protocolos, como a reparação, a justiça social e a empatia.

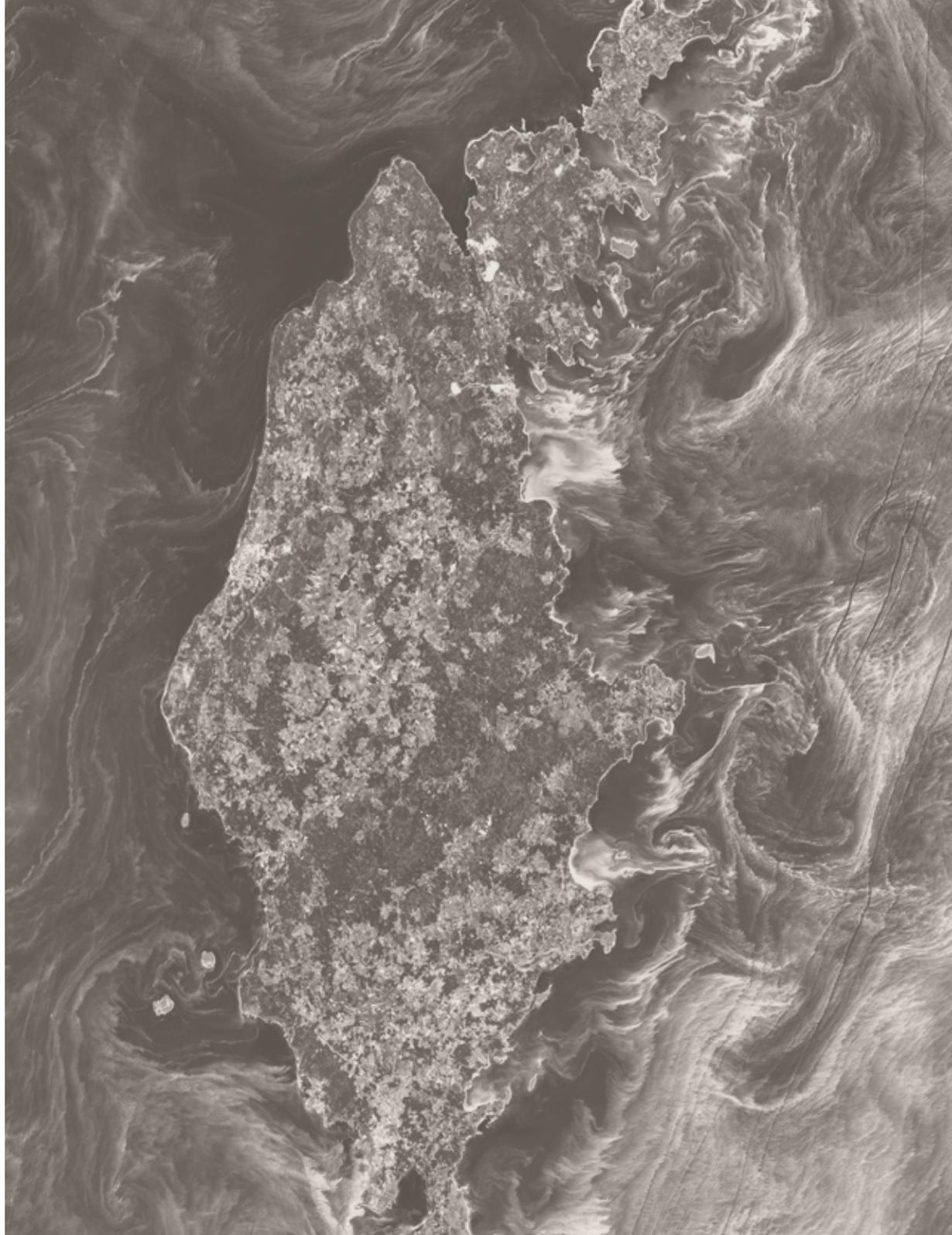
A experiência desse encontro nos mostra que não há “um lugar” de destino para a cultura. Ela é por natureza móvel e se espraia como um rio caudaloso e violento, se veste de seus avessos para compor suas cenas, se estrutura em arranjos imprevisíveis, compactua em mundos diversos, uns não explorados, outros terrivelmente conhecidos, e exige sobretudo coragem – não por acaso um substantivo feminino que conjuga ação e coração, elementos vitais do ser vivo e pulsante.

Carla Nieto Vidal,
Fernando Uehara e
Joana Tuttoilmondo

gengibrecriativo.com.br
[@gengibrecriativo](https://www.instagram.com/gengibrecriativo)

Rizomas

Esta seção é um registro dos encontros com os convidados, que compartilharam visões, pesquisas e interrogações que contribuíram para o percurso investigativo do grupo.



RIZOMA 1

Perguntas e respostas para a qualidade em gestão cultural

Beth Ponte é gestora cultural, pesquisadora e consultora. É autora do projeto Qualidade para a Cultura, membro do Conselho de Administração da Associação Brasileira de Organizações Sociais da Cultura (ABRAOSC) e do Observatório de Economia Criativa da Bahia (OBEC-BA).

Para conhecer mais a Beth:

linktr.ee/bethponte
qualityforculture.org
medium.com/@pontebeth



Beth Ponte

A disposição para escutar e fazer perguntas em sintonia com o contexto presente é indispensável na prática das organizações culturais. Traz pluralidade, levanta os dissensos e colabora para que se possa compreender o que vem emergindo na sociedade, ajustar o leme e formular programas. Que perguntas os espaços culturais devem se fazer, além dos protocolos de reabertura neste contexto afetado de múltiplas formas pela pandemia? Que temas e impactos se colocam hoje para a gestão cultural? Que qualidade temos? Que qualidade almejamos? Como a sustentamos? Foi essa trilha que Beth Ponte propôs percorrer com o grupo.

1 – A centralidade da missão

Em momentos de crise, ter clareza do propósito organizacional se mostra ainda mais fundamental, pois é o que nos deixa menos perdidos na travessia em meio à tempestade e ao nevoeiro.

2 – Novas formas de planejar e novas habilidades a desenvolver

As formas de planejamento geralmente adotadas se tornaram inadequadas ou insuficientes para o mundo em que vivemos, cada vez menos previsível. Desenvolver nossa capacidade de gestão de risco e de mudanças, de planejamento de cenários, nos coloca em movimento de resiliência adaptativa, para imaginar futuros possíveis, identificar resultados mais prováveis e a partir daí nos preparar para lidar com as transformações e suas consequências, definir onde colocar os esforços da organização.

Conheça

A Wallace Foundation desenvolveu e publicou, em outubro de 2020, o toolkit “Navigating Uncertain Times: A Scenario Planning Toolkit for the Arts and Culture”, de planejamento de cenário voltado a auxiliar organizações do campo artístico e cultural a atravessar e responder às várias situações que despontam no futuro em consequência da pandemia. Entre alguns fatores identificados no cenário destacam-se: maior foco na equidade racial e justiça social, maior engajamento digital, diminuição do turismo nacional e internacional, diminuição do apoio governamental e/ou filantrópico, adaptação da forma e usos da infraestrutura cultural, necessidade de ação ambiental e de melhor compreensão dos impactos na saúde mental.

wallacefoundation.org

3 - Resignificar nossa relação com o digital

O digital não é o fim, mas também não é apenas um meio e deve ser entendido, considerando sua transversalidade e complementaridade, como um recurso múltiplo a serviço da missão organizacional. Ele permeia todas as áreas, dos espaços físicos à gestão, dos instrumentos de trabalho até a captação e a comunicação, e impacta em todos os outros recursos, humanos, financeiros, de tempo. Um uso estratégico do digital pode potencializar todos os eixos de uma organização, e por isso é importante olhar qual o grau de maturidade em que cada uma se encontra e quais as necessidades digitais que precisam ser trabalhadas.

Conheça

O *Digital Culture Compass* é uma ferramenta digital que auxilia as organizações culturais a integrar a tecnologia digital em seu trabalho, permite medir qual o seu grau de maturidade digital e indica como desenvolver abordagens e práticas para incrementá-la. Foi desenvolvido com recursos do Arts Council England em parceria com a Universidade de Leicester e vários consultores especialistas.

digitalculturecompass.org.uk
<https://youtu.be/K97sR7stjLM>

4 – O relacionamento com os públicos

Assim como em toda sorte de relacionamentos que envolvem indivíduos ou coletivos, as relações de um espaço cultural com os públicos estão sempre mudando numa via de mão dupla. O ambiente online e a aceleração digital mudam nossa compreensão sobre públicos, sobre o que é participação e engajamento. Além disso, a forma como as pessoas se relacionam com a cultura foi significativamente afetada pela pandemia. Muitos artigos e discussões que circularam em 2020 chamaram a atenção para isso, trazendo provocações, críticas contundentes, e apontando ideias e iniciativas que considerem os diversos estados emocionais e as motivações das pessoas para o contato com a arte e a cultura nesses espaços.

5 – Valor e relevância

Movimentos de repensar o valor e a relevância das instituições culturais, de questionamento e contestação das narrativas hegemônicas e de embate por mudança nas relações racistas e sexistas no campo das organizações vêm se multiplicando no século 21. Agudizaram-se

com a pandemia, que expôs ainda mais as fragilidades dos profissionais da cultura e as relações desiguais que existem no setor cultural. Quando falamos em valor social, estamos nos referindo à relevância da vida da sociedade percebida pela visão externa. O valor de uma instituição cultural não é autorreferente, ou centrado nas convicções de especialistas, mas se constrói na medida em que forem espaços orientados para as pessoas, a serviço da sociedade.

6 – Articulação e *advocacy*

Não existimos isolados e nos desenvolveremos melhor, cada um com sua singularidade, se nos articularmos e unirmos forças em torno de lutas e desafios comuns. A pandemia deflagrou um estado de emergência, ao qual o setor cultural respondeu, mostrando capacidade de mobilização e gerando conquistas como a Lei Aldir Blanc. É fundamental que o *advocacy* e articulação sejam contínuos e que busquemos instâncias para influenciar e contribuir no âmbito de políticas públicas que fortaleçam a cultura.

7 – Novas formas de liderar, cooperar e trabalhar

Entender liderança como uma prática, e não uma posição, e como uma soma de ações individuais e coletivas, sendo também uma atividade criativa, abre novos caminhos para a gestão cultural. Um caminho que se trilha com cooperação entre instituições culturais, novas práticas de trabalho, decisões compartilhadas, empatia e respeito intergeracional. Com atenção às ações, privilégios, hábitos e práticas que as regem, as organizações podem fortalecer o *ethos* que valorizam. Processos de escuta e colaboração podem ser laboratórios de novas estruturas, políticas e práticas de gestão mais equitativas e eficazes.

Participação cultural

como caminho para o envolvimento cívico
e o fortalecimento da democracia

Maria Vlachou

Maria Vlachou é consultora em gestão e comunicação cultural. Membro fundador e diretora executiva da associação Acesso Cultura. Autora do blog Musing on Culture (e do livro homônimo), onde escreve sobre cultura, gestão e comunicação cultural, públicos, acesso. Gestora da página de Facebook Museum texts / Textos em museus, e cogestora do blog Museums and Migration. Participou do projeto europeu RESHAPE – Reflect, Share, Practice, Experiment e é membro do grupo “Arts and Citizenship”.

Para conhecer mais a Maria:

acessocultura.org

musingonculture-pt.blogspot.com

museumsandmigration.wordpress.com

facebook.com/groups/museumtexts



A razão de existir das instituições culturais não deve estar calcada em suas atividades técnicas ou em sua programação, mas em fazer delas meios de ativar reflexões e experiências nas pessoas. Promover um envolvimento cívico capaz de reforçar os ideais básicos de nossa cultura e sociabilidade é nosso maior desafio. Quanto maior a participação cultural, maior a qualidade de uma democracia, mais conscientes estarão os cidadãos para lidar com as nuances e a complexidade social, para respeitar a alteridade, enfim, mais preparados para a liberdade.

Neste encontro do Laboratório, Maria Vlachou falou sobre como os museus e as instituições culturais podem propiciar a participação cultural por meio de atitudes como o **cuidado, a proximidade, a abertura para a pluralidade e para a revisão de narrativas.**

Existe neutralidade em organizações culturais?

Assumindo o pressuposto de que não há neutralidade, os museus devem tomar para si o compromisso de rever suas narrativas e, especialmente nos museus europeus, enfrentar a questão do passado colonial de suas

nações. Em Portugal, segundo Vlachou, esse movimento ainda é discreto, e os aspectos mais penosos e violentos da chamada expansão portuguesa pouco são abordados. Prevalece, nos museus de história e sociedade, a descrição técnica e fria nas legendas de objetos utilizados para escravização, por exemplo. De onde vem uma determinada coleção? Com base em que é interpretada? Quem decide a história que vai ser contada? É fundamental conversar sobre o passado e sobre o processo de colecionismo com honestidade, e que o colonialismo seja assumido como sistema brutal que foi.

Conheça

Rijksmuseum, Holanda

O Rijksmuseum vem implementando um processo de reescrever seus textos expositivos e legendas, retirando passagens e termos que tinham conotação racista e discriminatória, e revendo também títulos de obras de seu acervo.

[rijksmuseum.nl](https://www.rijksmuseum.nl)

A partir das provocações levantadas por esta edição do Laboratório, Maria Vlachou estruturou alguns tópicos, buscando trazer sua visão pessoal sobre as transformações que precisamos empreender no campo cultural

1 – Liderança

Liderança não corresponde a um cargo, mas a uma determinada perspectiva sobre o campo. Líder não é quem dirige, é quem tem uma visão, pode inspirar outras pessoas e fazer com que elas queiram contribuir para essa visão. A liderança deve saber ouvir, ser uma inspiração para agir e partilhar seus pensamentos. Infelizmente hoje, nos ambientes dos museus, temos muitos gestores, mas poucos líderes.

2 – Responsabilidade Institucional

Frente a acontecimentos que afetam e abalam uma comunidade – como o assassinato da vereadora Marielle Franco, no Brasil, ou do ator Bruno Candé, em Portugal –, os espaços culturais não podem continuar como se nada tivesse acontecido lá fora, ou como se o que aconteceu nada tivesse a ver com eles. Devem pautar sua

prática por uma clareza de valores e de intenções. Com base nesses princípios, em vez da suposta posição de neutralidade, que sinaliza indiferença e pode acarretar uma percepção social de irrelevância, é preciso fazer escolhas éticas diárias. Reagir com solidariedade, com empatia, é sinal de responsabilidade institucional.

3 – Cuidar

Os espaços culturais devem aprender o valor da palavra “cuidado”, a começar por suas próprias equipes. O contexto da pandemia da Covid-19 obrigou diversas instituições a tomar medidas difíceis. Em muitos casos, porém, isso foi feito sem responsabilidade social com seus corpos técnicos, em especial os mais vulneráveis. Também o modo como se decide comunicar decisões como fechamento, reabertura ou desmobilização de profissionais faz uma diferença significativa. O posicionamento público precisa ser acompanhado de um trabalho interno coerente, de uma atitude verdadeiramente comprometida e responsável em relação ao problema. Isso requer ir além do comunicado de pesar, da nota de repúdio. Os casos de integrantes de equipes de museus norte-americanos e canadenses que manifestaram que

sentem discriminação racial dentro de suas instituições expõem quanto esse tema é delicado. A desmobilização automática de equipes dos setores educativos, por exemplo, por museus e instituições ricas gerou uma controvérsia sobre a lacuna entre discurso e prática.

4 – Diversidade, equidade, inclusão, acesso

A questão da representatividade nas equipes, nos projetos curatoriais, nos acervos, é um tema inadiável. É necessário reverter a homogeneidade dos corpos de profissionais no campo dos museus, pois isso os reforça como terreno excludente. Abrigar a diversidade no interior das equipes não é só equilibrá-las em termos de gênero, raça, origem cultural; é possibilitar que a multiplicidade de visões e modos de ser afetem realmente a formulação da instituição, sejam disruptivas e tragam movimento às convicções e aos procedimentos estabelecidos.

5 – Comunicação

Outro ponto de inflexão está na forma como os museus escolhem se comunicar, geralmente numa linguagem hermética, cujo recado para as pessoas é algo como: “Este não é um espaço para ti; não és suficientemente culto para estar aqui”. Essa arrogância, seja consciente ou não, dificulta que as pessoas se sintam à vontade nesses espaços e os vivenciem como lugares de encontro, capazes de serem usufruídos por pessoas diversas.

6 – Pandemia e museus

Os museus de modo geral deram muito pouca atenção à sua relação com a população local. Esse problema se tornou mais evidente com a pandemia, quando a visitação de turistas foi interrompida. Dar-se conta de como as diretrizes de gestão e as políticas culturais podem marginalizar as pessoas, deixando-as de fora das oportunidades de apreciar cultura, é o primeiro passo. Os museus devem acolher a todos, adotando uma linguagem clara, ofertando aos cidadãos a experiência de enriquecer sua vida e sua imaginação e de fazer parte de assuntos e legados que lhes dizem respeito.

Conheça***Arts Council England, Let's Create***, 2020-2030.

Nesse documento, o *Arts Council* afirma a diretriz de trabalho de valorizar o potencial criativo de cada um de nós e proporcionar oportunidades de apreciar cultura a pessoas de todos os cantos do país.

artscouncil.org.uk

Conheça***Manchester Museum***

Difficult Dialogs - após ataque terrorista em Manchester, discutir temas difíceis.

Rubbish Night - uma noite para falar de reciclagem e do ambiente. A partir do *email* preocupado de um vizinho com a situação do lixo na cidade, a diretora entendeu que o museu pode ser uma plataforma com o município e as autoridades competentes.

7 – Proximidade

Cabe aos espaços culturais trabalhar melhor a proximidade com as pessoas, buscando estar mais perto do dia a dia e da vida comum. Uma estratégia nessa direção é comunicar com senso de humor, de forma descontraída, pois o humor aproxima, abre portas de comunicação. Outro caminho é trazer para si questões que despontaram na vizinhança,

temas como a coleta seletiva de lixo, por exemplo. Abrir-se a discutir temas difíceis, traumas, conflitos e, por meio da conversação, desmontar as barreiras entre as pessoas ou grupos. Enfim, alimentar o diálogo com o nosso tempo histórico, comunicando com proximidade. O primeiro ato de ação comunitária é um ato de comunicação.

8 – Colaboração

Quando falamos sobre a missão de produzir cidadãos livres, capazes de pensar por si próprios e promover escolhas e atitudes responsáveis, não estamos nos referindo a algo que o campo da cultura irá fazer sozinho. Construir um mundo melhor requer colaboração, abrir portas para atuar em articulação com outras pessoas e áreas que têm outros conhecimentos.

Ao final de todas as reflexões trazidas, fica evidente que gestão cultural vai além de abordar questões de funcionamento e administração. A gestão responde a questões de caráter filosófico, político e ético. É o campo que vai dar conta de pensar como organizar essa arquitetura e sobre aquilo que é um valor, incorporando as questões que estão colocadas pela sociedade e pelos vários agentes que interferem no nosso trabalho, que se norteia pela promoção de processos coletivos de imaginação.

Provocar questões: território, risco e processo

**Batman Zavareze,
Marcus Faustini e
Fábio Delduque**

Amós Oz, em seu último livro⁷, publicado no Brasil após sua morte, discorre em longas conversas com Shira Hadad, pesquisadora de literatura em Israel, sobre assuntos que pautam seu processo criativo, sua visão e sua presença no mundo. Sobre a afirmação que dá nome ao livro: “Do que é feita a maçã”, Oz nos diz: “Tome uma maçã. Do que é feita a maçã? Água, terra, sol, uma macieira e um pouco de adubo. Mas ela não se parece com nenhuma dessas coisas. Ela é feita, mas não se parece com elas. Assim é uma história, que com certeza é feita de uma soma de encontros, experiências e atenções”.

⁷ Amós Oz e Shira Hadad. *Do que é feita a maçã: Seis conversas sobre amor, culpa e outros prazeres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Essa síntese de Oz condensa as questões que permearam o encontro com Batman Zavareze, Fábio Delduque e Marcus Faustini e traz elementos que estão presentes na construção narrativa de cada um deles sobre sua trajetória no campo da cultura.

A primeira questão que surgiu na conversa foi a indissociável necessidade de criar e agir a partir de um **território consciente**, não apenas como campo para a ação, mas como fonte de inspiração e prática. A segun-

da questão que surge nesse encontro é a importância da **intuição** como parte da práxis artística e o risco como elemento que tensiona a realidade e mobiliza para evoluções constantes no mundo das artes, da curadoria e da gestão cultural. O terceiro ponto fala do **processo vivo e contínuo** – a complexa cadeia de práticas, planejamento, experimentos e associações que não acaba quando um determinado projeto termina –, que se mantém ativo como uma engrenagem que retoma o fluxo do fazer.

Marcus Faustini: “A gente inventa a vida que a gente pode. Quando o pode [a permissão] vira poder [a ação], estamos no lugar onde a potência é vida”. E completa: “O trabalho do artista não é só produzir representações, mas insistir nas sistematizações que traduzem novas formas de vida e de cidades”.

Batman Zavareze: “Temos que celebrar o poder da intuição, nos interessar por tudo que não é visível. A curiosidade é o átomo que cria o mundo”. “Fazer é mais importante que acertar. Aqui e agora nossa lição é aprender e saber viver este momento duro e reinventar nossos afetos. Desapego, curiosidade, intuição, paixão são os gestos que podem nos levar adiante.”

Enquanto Batman falava, o filme dos dezesseis anos do Multiplicidade Imagem_Som_Inusitados era projetado na tela, tomando o lugar dos quadrados ocupados pela imagem de cada um de nós, nesse novo *modus* de *convivium*. O risco assumido, os encontros, os abraços, a festa que resiste e celebra a vida que vale a pena ser vivida despontam quase como uma epígrafe de Clarice Lispector, que também dá sentido à recente produção de Zavarese: *O que eu quero ainda não tem nome*, um vídeo-instalação para tempos pandêmicos de belas e feias profundidades existenciais.

Fábio Delduque carrega os dezenove anos de encontros, cantos, devaneios e utopias que o Arte Serrinha oferece aos inventores, transgressores e amantes das artes e das experimentações artísticas. É através das imagens de um dos lugares mais lindos e épicos de São Paulo que Fábio mostra que os sonhos estão aí para serem materializados, que nosso mundo pede por ação e invenção. A natureza do Parque Serrinha oferece aos artistas, visionários, livres-pensadores uma visão maior da regeneração e de respeito a tudo que é vivo. Não à toa, a edição de 2020 celebrou as ciências e as artes, as únicas frentes humanas, segundo Ilya Prigogine, que são obras de reconciliação com a invenção da natureza:

“O caos é um princípio criativo e estruturante. Sempre achei estranha a ideia de introduzirmos o tempo num mundo que não tem tempo. De certa forma, o universo aparece para nós como tendo uma história baseada na criatividade. Plantas, flores e árvores são mecanismos extremamente complicados e que só puderam surgir na sequência de um certo número de bifurcações, e é aí que nós encontramos a analogia com a obra de arte”⁸. É nesse sentido que Fábio Delduque oferece a natureza como obra de arte, de criação e invenção nos campos da Fazenda Serrinha, no interior de São Paulo.

⁸ Ilya Prigogine, In Obrist, Hans U. *Entrevistas* vol. 1. Belo Horizonte: Cobogó, 2009. p.185.



Batman Zavareze comunicador visual

Artista multimídia, diretor da empresa 27+1 Comunicação Visual. Começou sua carreira na MTV Brasil em 1991. Trabalhou com Oliviero Toscani no icônico centro de pesquisa em comunicação, a Fabrica, na Itália, no período de 1998 a 1999. E desde então tem trabalhado com projetos multidisciplinares que têm no audiovisual sua força, como exposições, shows, peças de teatro e programas de broadcasting para canais televisivos brasileiros e internacionais, tais como: MTV-Brasil, Multishow, GNT, SporTV, Futura e TV Globo. Desde 2005, é idealizador, diretor geral e curador do Festival Multiplicidade, que nasceu no Rio de Janeiro e é uma das plataformas culturais mais importantes de arte e tecnologia do Brasil.



Fábio Delduque

artista visual multidisciplinar

Desde a década de 1980 tem uma intensa atividade em exposições, instalações, pinturas murais, cenários, performances, direção de arte de shows e cinema, além da curadoria e produção em diversas galerias e museus no Brasil e no exterior. Participou da 29ª Bienal Internacional de São Paulo em 2010, apresentando doze performances feitas em parceria com Zé Celso Martinez Correa e a coreógrafa Lú Brites. Curador de artes visuais do SESC Presidente Prudente e cocurador do Festival Arte na Usina desde sua criação em 2015. É curador, diretor artístico e um dos idealizadores do Festival Arte Serrinha que em 2020 completou dezoito anos, sendo reconhecido como um dos eventos culturais mais significativos do inverno brasileiro.



Marcus Faustini

diretor teatral e escritor

Cresceu na Zona Oeste e na Baixada do Rio de Janeiro. É o criador da Agência de Redes para Juventude, metodologia artística que apoia o desenvolvimento de jovens líderes em periferias do Rio, Londres, Manchester e Belfast. Tem livros e artigos publicados, dirigiu documentários e longas de ficção premiados, peças de teatro, e é curador de diversos festivais e eventos. Ao longo dos últimos vinte anos liderou diversas ações sociais de impacto, recebendo reconhecimento internacional. É também consultor de grupos e agências de comunicação. É diretor teatral, documentarista e escritor que se destaca na cena teatral desde 1998. É autor das publicações *Guia Afetivo da Periferia* e coautor de *O novo carioca*, com Jailson de Souza e Silva e Jorge Luiz Barbosa. Em 2021, foi convidado para ser secretário municipal de cultura no governo de Eduardo Paes.

Notas para a ação

Cultura e cidade:

- Pensar em território é central e demanda uma reflexão sobre classe e renda.
- A cidade é o *locus* central para a discussão da sociedade, e devemos prever as conexões possíveis entre os nossos fazeres e a melhoria da vida nas cidades.
- A produção artística é capaz de sistematizar experiências que possam inventar novas maneiras de produzir vida na cidade.
- A cidade em conexão com a cultura gera energia e emociona.

Colaboração e imaginação:

- Aprendemos a trocar o ódio pela realização porque atuamos em sentidos opostos de existência.
- É preciso pensar novos caminhos, imaginar e propor ações que promovam o encontro.
- Para viabilizar a imaginação é fundamental estar em outros espaços e campos, envolver atores diversos, “trazer as pessoas” para a conversa.
- Estar presente e ouvir o outro é fundamental no fazer cultural.

Relevância e sustentabilidade

- É fundamental repensar a ação cultural para além da visão setorial; só assim vamos ter relevância.
- Repensar o papel e a contribuição da cultura, suas estruturas, atores e institucionalidades para as questões contemporâneas, pensando que a arte tem a capacidade de produzir mediação na sociedade é indicador na busca por financiamento e alternativas de sustentação.

Exercícios





EXERCÍCIO 1

Experimentos

Esta seção traz os exercícios de reflexão, concepção e proposição realizados pelos grupos de trabalho do Laboratório. Transcorridos os primeiros encontros, que focalizaram os efeitos da pandemia do coronavírus e as reflexões urgentes que ela nos traz para o presente e o futuro do ecossistema cultural, para a gestão dos espaços e os programas de treinamento com o público e com artistas e produtores, a segunda etapa do Laboratório dedicou-se a aprofundar as trocas, ensinar a construção coletiva, pensar soluções inovadoras e empáticas.

O processamento das questões que emergiram nos primeiros encontros evidenciou três eixos temáticos: Imaginação cívica, Desenvolvimento cultural e Missão e gestão. Os participantes escolheram que eixos gostariam de trabalhar e assim formaram-se três grupos. Foi proposto a cada grupo que trabalhasse coletivamente na formulação de perguntas relacionadas ao eixo orientador, pensando nos desafios urgentes, mas também na construção de um caminho consistente que possa ser formulado para responder ou apontar na direção desse desafio e que, a partir das discussões, procurasse construir alguns direcionadores de renovação desse campo/eixo para o ecossistema cultural.

EXERCÍCIO 1

Experimento 1

Imaginação cívica

por

Aryane Sánchez

Ana Angélica Costa

Mariana Várzea

Natalia Duarte

Teresa Mas

“Se enxergarmos que estamos passando por uma transformação, teremos que admitir que nosso sonho coletivo de mundo e a inserção da humanidade na biosfera terão que se dar de outra maneira. Nós podemos habitar este planeta, mas terá que ser de outro jeito.”

Ailton Krenak – A vida não é útil

Estamos na iminência do esgotamento de recursos do planeta pela ação humana. Em seu trajeto de expansão de conhecimento e domínio sobre a natureza, o homem se esqueceu de que é parte dela. Fomos aceitando a ideia de progresso como um bem coletivo, mas tal noção de progresso se mostrou seletiva, uma vez que poucos ganham e muitos ficam à margem. Em um tempo pandêmico, onde isolamento, luto e microssocialidades foram a tônica, como podemos repensar o papel das instituições culturais? Como colocar na linha de frente a questão da relevância social como pilar dessa reinvenção?

Se toda a ordem é imaginada, como nos aponta o historiador Yuval Harari⁹, e o insumo de toda a criação artística e cultural é a imaginação, como podemos unir esse elemento catalizador

com o compromisso com a sociedade e com nossas comunidades, em especial em tempos de incertezas e de exaustão?

Entendemos que é preciso chacoalhar as pessoas no lugar onde a razão não domina, que é o universo simbólico, e criar espaços de imaginações disruptivas. A imaginação disruptiva pode se traduzir em uma potência cívica ao remodelar e alterar o curso da causalidade histórica de narrativas que já conhecemos e apostar em novas formas de pensar, criar e produzir a ordem imaginada.

É preciso fertilizar e cultivar imaginações, e fazer com que os novos caminhos que surgem possam magnetizar recursos necessários para reinventar nossas crenças e visões de mundo e regenerar a terra e nossa convivência comum.

“Quem somos nós, quem é cada um de nós, senão uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.”

Italo Calvino, As seis propostas para o próximo milênio

⁹ Yuval Harari, *Sapiens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

O EXERCÍCIO

Neste exercício, partimos de uma decomposição da expressão “imaginação cívica” em três vocábulos: imagem, ação e cívica, como busca de inspiração para a reflexão.

IMAGEM: substantivo feminino

1. representação, reprodução ou imitação da forma de uma pessoa ou de um objeto;
2. aspecto particular pelo qual um ser ou um objeto é percebido; cena, quadro.

AÇÃO: substantivo feminino

1. evidência de uma força, de um agente; o seu efeito;
2. disposição para agir; atividade, energia, movimento.

CÍVICA: adjetivo

1. referente ao cidadão como elemento integrante do Estado;
2. (patriótica);
3. imaginação cidadã.

A partir das provocações trazidas pela expressão IMAGEM + AÇÃO + CÍVICA, e das discussões que foram surgindo no decorrer do Laboratório, construímos a seguinte afirmação, da qual partimos para formular as nossas perguntas:

O ecossistema cultural precisa estar intrinsecamente conectado nas questões do seu tempo, participar de sua coletividade e contribuir para a imaginação de novos futuros.

NOSSAS PERGUNTAS >

1

Como identificar e mapear essas questões do tempo presente?

AÇÃO

- Pesquisar dinâmicas e tendências latentes
- Escutar de forma plural
- Abrir o diálogo
- Mediar vozes e olhares
- Sistematizar os dados

VALOR CÍVICO

Empatia
Presença
Escuta

2

Como o ecossistema cultural pode se organizar para lidar com essas questões?

AÇÃO

- Criar uma declaração de mundo
- Se comprometer com ela
- Comunicar amplamente
- Superar fronteiras físicas/imaginárias
- Engajar diferentes parceir@s
- Manter um estado de colaboração e cooperação
- Horizontalizar decisões
- Promover consensos
- Criar uma agenda comum

VALOR CÍVICO

Colaboração / Cooperação
Estar conectado ao tempo presente
Corresponsabilidade

3

Como mobilizar e engajar os agentes, artistas, produtores, pensadores e organizações para cooperarem para a construção de uma sociedade mais democrática, plural e justa?

AÇÃO

- Identificar e definir consensos e bandeiras comuns
- Criar um espaço de conversa e trocas
- Estruturar uma rede de colaboradores diversos
- Comunicar em diferentes plataformas e linguagens
- Disponibilizar ferramentas e espaços de atuação conjuntas
- Praticar uma agenda comum

VALOR CÍVICO

Participação

4

Como propor reflexões/ações integradas entre as artes, as ciências e as tecnologias?

AÇÃO

- Superar barreiras epistemológicas
- “Pensar com estrelas, árvores e rios”¹⁰
- Propor novas conexões e programas conjuntos
- Articular o micro e o macro, o local e o global
- Incentivar novas pesquisas/obras/narrativas
- Imaginar novos futuros a partir de hipóteses comuns

VALOR CÍVICO

Experimentar

5

Como construir ferramentas de apoio e financiamento para a construção desses processos e diferentes visões de futuro?

AÇÃO

- Reconfigurar a relação entre valor e dinheiro
- Despertar para novos contratos sociais
- Imaginar outros fluxos de recursos
- Viabilizar sistemas de trocas
- Pluralizar moedas

VALOR CÍVICO

Responsabilidade

Participação

¹⁰ “Alianças com estrelas, árvores e rios: novos modos de existir diante das catástrofes. Arte, ciência e tecnologia” – Labjor –Unicamp 2020. Professores: Susana Dias e Paulo Teles. Publicação “Árvores companheiras. https://issuu.com/revistaclimacom/docs/livro_arvores_bx_4 <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/arvores-companheiras/>

Experimento 2

Desenvolvimento cultural

por

Andréia Deodato

Bianca Ramos

Débora Bruno

Guga Costa

Heloísa Vivanco

Pires

Henrique Santos

Igor Cândido Costa

Lui Seixas

Marleth Reis

Falar sobre desenvolvimento cultural é falar de um conjunto de ações que possam transpassar, impactar, afetar e friccionar nossos corpos individuais, coletivos, institucionais e/ou universais presentes nos territórios da cidade.

Para que possamos falar de desenvolvimento cultural, precisamos partir do lugar e do tempo em que atuamos, dos nossos assentamentos históricos e herdados, comunidades, contextos. Precisamos partir dessa presença real dos nossos corpos tantas vezes silenciados e controlados.

E nesse lugar, corpo - território de presenças -, se fluidificam as ações propositivas para um real desenvolvimento cultural, como se fossem sinais vitais, os primeiros gestos de uma vida em movimento. O corpo humano

evolui, transmutando-se em um corpo institucional, num estágio coletivo da existência. Há consciência nesse processo de corporificação? Como se dá? Como se chega a esse desenvolvimento? Do que nos alimentamos (orgânica e simbolicamente)?

E de onde vem esse alimento? Como contribuir para que ele seja cada vez melhor, mais relevante, mais potente, mais nutritivo e mais equanimemente distribuído? Para isso, falar sobre desenvolvimento cultural é falar sobre CO-LABOR-AÇÃO. Fazer junto. Trabalhar COM. E para trabalhar COM é necessário estarmos conectados com o nosso tempo e com o nosso lugar. Para isso, ou mudamos nossas mentalidades ou ficaremos presos em realidades autocentradas, sempre à espera de

um milagre. De algo que venha de cima para baixo. De fora para dentro. Nesse sentido, é necessário resgatar a nossa potência em imaginar e transgredir. Hackear as lógicas da rua, do quarteirão, do bairro, da cidade, da nossa região, para contribuir para um desenvolvimento cultural verdadeiro.

Se os problemas que enfrentamos hoje no Brasil são imensos, continentais e complexos, partir de uma mudança de paradigma a partir dos nossos territórios e comunidades pode ser uma semente potente. E, se a pergunta que chega é relacionada ao que faremos para ganhar em escala e abrangência, pode ser que a resposta seja finalmente entender de comunicação, encantamento e produção de vitalidade.

NOSSAS PERGUNTAS

1

IDEAL DE DESENVOLVIMENTO

De que ideal de desenvolvimento cultural estamos falando? Para quem? Com quem?

AÇÕES PARA O AGORA

Estabelecer espaços de imaginação compartilhada e canais de escuta e acolhimento nos lugares de atuação.

VALOR CÍVICO

Reverdecimento¹¹

¹¹ Movimento fértil, vivo e rico, que frutifica, que ocupa, que oxigena e tem ciclos definidos.

2

O CORPO EM DESENVOLVIMENTO CULTURAL (ou vice-versa)

Considerando os lugares e os tempos nos quais e com os quais atuamos, o que podemos fazer para transformar nossos próprios corpos e estruturas em campo fértil para multiplicar esse ideal de desenvolvimento cultural?

AÇÕES PARA O AGORA

Desenvolver atividades, espaços e processos que observem e provoquem o despertar do corpo-memória-subjetividades de cada indivíduo.

VALOR CÍVICO

Colaboração

3

O CORPO E O QUE LHE É ESSENCIAL (arroz e feijão)

De que arranjos, ações práticas, ferramentas e outras mentalidades (novas!) precisamos para reconstruir uma relação de relevância e cooperação com a sociedade?

AÇÕES PARA O AGORA

Propor ações para ampliação de repertórios, experimentação, e fruição e trocas artísticas.

VALOR CÍVICO

Corresponsabilidade

4

O CORPO NO TERRITÓRIO E NA COMUNIDADE

Quão conectados realmente estamos (ou podemos estar) com nossos territórios – a rua, o quarteirão, o bairro, a cidade e a região nos quais atuamos? E o quanto essa conexão é (ou pode ser) catalisadora do ideal de desenvolvimento cultural que defendemos (ou melhor, desejamos)?

AÇÕES PARA O AGORA

Desenvolver ações sistêmicas e transdisciplinares que evidenciem o quanto somos interconectados e interdependentes;

Propor e fomentar a articulação entre cultura e educação, ocupando os equipamentos educacionais com ações artísticas e culturais, processos transdisciplinares, e também ofertando possibilidades de encontros e vivências entre a comunidade escolar e do bairro;

Promover pesquisas e leituras dos territórios com e a partir de quem os integra, buscando construir uma consciência coletiva sobre as identidades, produções, demandas e engajamentos que cada comunidade mobiliza, de forma a influenciar o agir no campo da cultura.

VALOR CÍVICO

Comunhão e convergência.

5

O CORPO TRANSGRESSOR E TRANSFORMADOR

Que ideias, movimentos, gambiarras e tecnologias socioculturais ainda não existem – mas poderiam existir – no território onde atuamos? Para quais urgências ou essencialidades devemos nos apresentar e articular?

AÇÕES PARA O AGORA

Mapear tecnologias socioculturais e produzir uma plataforma de criação, difusão e comunicação de redes de atuação;

Propor ações de “insurgências” em conjunto com diferentes agentes mobilizados pela cidade;

Promover a construção de desafios públicos que fomentem soluções desenvolvidas de forma coletiva, que possam ter suas estratégias e recursos abertos.

VALOR CÍVICO

Liberdade e mutabilidade.

O CORPO QUE COMUNICA

Como nos comunicamos hoje e como desenvolver, entender e operar estratégias de comunicação para promover deslocamento, encantamento e vitalidade?

AÇÕES PARA O AGORA

Promover a ampla experimentação artística nas comunidades, entendendo o fazer artístico como potencializador de subjetividades e o despertar para uma nova sensibilidade;

Desenvolver uma comunicação que vá além da divulgação de serviços e programações, mas que traduza valores, compromisso e conexões com as dinâmicas sociais.

VALOR CÍVICO

Potência e encantamento.

NOSSOS DIRECIONADORES

CORPO | ALIMENTO | SOMA | Hackeamento

Experimento 3

Missão

por

Isabela Silveira
Katharina Câmara
Sandra Tucci
Vilma Campos

Conteúdo revisado e
finalizado por Carla Vidal,
Joana Tuttoilmondo e
Marta Porto

Por que existem espaços culturais e a quem eles importam? Essa é uma das perguntas fundamentais para a construção de sentido para quem se aventura pelas veredas do fazer cultural.

A cultura existe como práxis da vida e está presente em todo o sistema social, sem distinção. É por meio de seus signos, gestos manifestos ou não, que ela se espraia como seta, direção e caminho para indivíduos e comunidades. Sem a cultura não somos nada. Mas isso não significa a construção aleatória de espaços para vivenciá-la; a cultura, com toda a sua potência, não precisa deles. Ela se manifesta independentemente das estruturas criadas para abrigá-la.

A criação dos espaços culturais surge como forma de materializar uma parte dessa potência, mesmo que circunscrita a decisões e recortes que muitas vezes nos

falam mais de poder e *status quo* do que da vitalidade e pluralidade que encontramos nas dinâmicas da vida cultural. Mas mesmo esses fragmentos pequenos nos oferecem um indicativo do que um determinado tempo e lugar criam e produzem. E do que silenciam. Olhar para os espaços culturais e as seleções cotidianas que eles nos oferecem é manter um questionamento constante sobre esses recortes, fragmentos e escolhas, pois eles nos falam mais de crenças e poderes e menos da intrincada rede de relações e linguagens que o mosaico social nos oferece.

Organizar uma missão é dar forma, conteúdo e compromisso para esse fazer, e também dar transparência a essas escolhas. Mais do que tudo, é dar a oportunidade para que o público e as comunidades que interagem com esse lugar tragam seus contrapontos, dúvidas e questionamentos. **Um ponto de atenção:** a maneira como o corpo gerencial e técnico de uma instituição cultural opta por construir a sua missão demonstra como ela estabelece diálogos e pensa o seu legado.

Assim, podemos afirmar que uma instituição cultural sem missão organizada é a soma de escolhas aleatórias, que mais reagem do que agem sobre as dinâmicas culturais.

Missão: dar sentido ao encontro

A partir de linguagens, signos e formas, a cultura estabelece dimensões possíveis para o encontro do indivíduo consigo mesmo, com o outro, com sua comunidade, seu tempo e sua memória (ancestralidade). Nesse lugar, ela oferece condições para a curiosidade, a experimentação, a produção de conhecimento e a elaboração de significados mais amplos. É um convite e uma chave para a jornada.

O círculo virtuoso desencadeado por esses fundamentos – curiosidade, encontro, experiência, cooperação e conhecimento – são uma base possível para articular a missão de um espaço cultural comprometido com seu tempo e com sua gente. A missão define

compromissos, molda o espírito de uma caminhada, colabora para dar sentido ao fazer, propõe régua e compasso para o processo de trabalho das relações sociais que estabelece.

“Cooperar é uma palavra que implica a ideia de encontro, ou seja, de que é possível encontrar o outro e fazer dessa possibilidade algo novo. Cooperar traz em si a ideia de experimentar, algo que tem sido derrotado na cultura nos últimos anos. Experiência é quando você entra de um jeito e sai de outro, seja em um encontro, na leitura, na fruição ou na criação. Essa é uma possibilidade concreta que a cultura traz para a vida cotidiana das pessoas e é algo que nunca podemos esquecer”

Marta Porto¹²

12 Marta Porto. *Anais do 1º Seminário Internacional de Gestão Cultural*. Belo Horizonte, novembro de 2008. p. 85.

NOSSAS PERGUNTAS

1. Somos relevantes para quem?

A relevância das instituições culturais não pode e nem deve ser autoatribuída e de fato só existirá se for construída de forma coletiva e pensando a coletividade na acepção mais ampla possível do termo: diferentes práticas, feitas por diferentes agentes, para diferentes públicos e em diferentes escalas.

É importante que os espaços culturais olhem mais para o entorno imediato e se desprendam da preocupação com o círculo da cultura, ou seja, seus pares, o que reforça seu discurso autorreferente. Os espaços culturais são espaços infinitamente potentes para a transformação de valores na sociedade. Para isso, é preciso que a sua missão esteja, antes de mais nada, voltada para servir e atender o território em que estão inseridos.

Acionando o geógrafo baiano Milton Santos¹³, assumimos aqui a ideia de território como uma dimensão que imbrica as infraestruturas físicas, o meio ecológico e as dinâmicas de uso dos agentes envolvidos, fazendo surgir uma relação dialética entre interno e externo, novo e velho, Estado e mercado, etc.

Quando falamos de estar a serviço e oferecer serviços para uma comunidade ou território, estamos falando de uma missão cujo conteúdo e cuja expressão sejam acessíveis a ela. Mais do que isso, não só sejam acessíveis, como também formulados pela própria comunidade ou a partir da identificação dos seus interesses. É possível e desejável tornar mais pragmática a gestão de um espaço cultural, no sentido de criar, à parte de imaginar um

horizonte de desenvolvimento cultural mais amplo, aquilo que mobiliza de fato a comunidade envolvida? O referencial cultural de um espaço cultural deve ser necessariamente aquele compartilhado pelas pessoas de seus arredores (comunidade, território, entorno). Esse referencial determina a missão e, por extensão, a gestão do espaço.

E como esse engajamento social deve preceder a presença no território? Algumas hipóteses: promover uma aproximação amigável e horizontalizada, um levantamento de “problemas”/situações a resolver por ações conjuntas, buscar o sentido de ser e agir na comunidade, aprender a priorizar.

13 Milton Santos. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996.

2. Podemos criar/construir novos imaginários?

Como harmonizar-se com um passado com aspectos tão violentos? Como combater e desarticular os efeitos do colonialismo? É possível ressignificar o simbólico?

Os espaços culturais refletem todo o universo cultural infinito em que estão inseridos, um universo que não é homogêneo, assim como as pessoas. É, portanto, um lugar de disputa por discursos e sujeito às flutuações sociais.

A construção do legado de uma instituição precisa ser compreendida pelos gestores como uma ação constante e do tempo presente.

3. O que se entende por princípio da acessibilidade universal?

Num contexto em que emergem, todos os dias, novos atores políticos, novas linguagens e uma nova geografia, a política cultural que garante a existência e a manutenção de espaços culturais atua para que esses novos agentes sejam reconhecidos como seus públicos? Quem decide com o que ou por quem esses espaços serão ocupados? Como se dá a negociação entre esses diferentes agentes e a quem cabe essa mediação?

É indispensável considerar a acessibilidade em todas as dimensões para criar espaços de aproximação com o público, de mobilização de públicos. Trata-se de uma virada de ênfase, não mais do acesso ao produto cultural, mas à participação cultural, o que significa trabalhar com a categoria de que os públicos são sujeitos do conhecimento. Integrar, escutar a diferença, contemplar vocabulários e tempos diversos. Acolhimento é entender que todo mundo está apto a ali estar.

A isso se liga assegurar direitos individuais e coletivos. Manifestações de intolerância e ódio numa comunidade não podem simplesmente se refletir num espaço cultural. A universalidade dos direitos humanos é algo que perpassa a autonomia dos espaços culturais, um pressuposto que deveria valer em qualquer espaço, cultural ou não. O acesso à participação cultural deve se estender a todas as pessoas, incluindo aquelas cujas identidades têm sido marginalizadas (pessoas pobres, negras, com deficiência, LGBTQI+, mulheres, crianças).

Acolher os desejos dos arredores. É preciso ouvir as pessoas. É preciso entender as necessidades que elas trazem. Antes de adotar uma atitude quase missionária, as instituições culturais precisam do olhar observador e da disponibilidade para se empenhar no desejo do outro, pré-requisitos para imaginar coletivamente uma missão e, a partir daí, construir uma gestão colaborativa. E que sigam ambas, missão e gestão, em constante atualização, revisão e aperfeiçoamento.

4. Que nova institucionalidade é necessária?

Que novas habilidades precisamos desenvolver? O que precisamos desaprender? Superar a cultura do ego, do imediatismo, do lucro, do missionarismo, e desenvolver a escuta e a construção coletiva, contextualizada, e a partir do território/comunidade.

As instituições podem fomentar a construção coletiva de valores e desejos de forma mais horizontal e menos hierárquica, e essa construção precisa envolver todo o território. A noção de engajamento contém a ideia de compromisso e também a postura de disponibilidade, de receptividade para se colocar em relação com as pessoas e construir cooperativamente.

INTENÇÕES

- Assumir a dimensão educadora dos espaços culturais.
- Atuar na produção de símbolos do nosso tempo.
- Considerar a pluralidade/diversidade algo vital e dar atenção contínua às identidades e alteridades.
- Reconhecer privilégios e buscar ações de reversão.
- Atuar com responsabilidade institucional de compromisso com uma cultura de paz, diversa, empática, inclusiva.

ESTRATÉGIAS

- Expressar publicamente esse ethos que direciona a atuação, a fim de fortalecer e atuar em prol do coletivo.
- Difundir e partilhar a visão da liderança para criar e fortalecer o sentido das transformações/direção.
- Buscar novas formas de planejamento: planejamento de cenários, gestão da mudança, gestão de riscos.
- Criar espaço de participação, de responsabilidade compartilhada. Propiciar troca de ideias, discussão propositiva, pensar livre.
- Novos acordos e pactos – metas e indicadores.
- Gestão e lideranças precisam repensar o pacto com o(s) seu(s) grupo(s) em diferentes instâncias e rever a comunicação em todas as esferas.

Exercício 2

Declarações

Qual a grande pergunta que podemos fazer ao fim desse ciclo que reúne tantas vozes? As vozes que se fizeram presentes na rota de nossos cinco encontros, a voz que cada um trouxe como parte de sua bagagem, as citações, as improvisações, todo o apanhado de referências teóricas, estéticas, espirituais.

Entre tantas possibilidades de perguntas, escolhemos aquela que se manifestou com veemência no contexto social, político, econômico, pandêmico e pandemônico do nosso Lab - filho do inigualável ano de 2020.

“Aqui o passado de cultura não conta; o longo esforço para interligar e construir pensamentos, esforço feito em semanas e meses, é ineficaz. É preciso estar presente, presente à imagem no minuto da imagem: se houver uma filosofia da poesia, essa filosofia deve nascer e renascer no momento em que surgir um verso dominante, na adesão total a uma imagem isolada, no êxtase da novidade da imagem.”

Gaston Bachelard, *A poética do espaço*.

Afinal, como podemos mobilizar afetos no campo da cultura? Como um laboratório de espaços culturais, também nos colocamos como experimento, recolhendo, a partir de uma liberdade poética emergente, os insumos para a significação desse percurso como potência que dá sentido ao nosso encontro e consequentemente inspira novas formas de pensar. Entre todos os pontos abordados pelo grupo que fez o Lab, surge uma emergência do mundo, que é abraçar a complexidade de nosso tempo com afeto. O afeto como alimento e medida do trabalho cultural, como um dado de relevância que mensura as experiências compartilhadas. O afeto condensado no riso, na admiração, no

medo, na surpresa e também no estranhamento que sentimos no encontro com as linguagens da cultura. ***Eu me afeto – portanto sou afetado – e isso me conecta a você.*** A cultura é por natureza o lugar para esse atravessamento, onde todos os ingredientes estão presentes para deixar fluir os sentidos que se tornam quase sagrados, e por isso não há nenhum outro campo de experimentação na vida pública capaz de revelar essa dimensão do sagrado que se lança ao mundo pelo afeto. E assim recolhemos imagens para responder a essa pergunta, construindo a muitas mãos um vocabulário (des)controlado para experimentar muitos modos de afeiçoar-se no fazer cultural.

Latim ***afficere, affectum***:
produzir impressão.

Composto da partícula ***ad*** = em, para; e ***facere*** = fazer, operar, agir, produzir (cfr. etimologia de afeto).

Latim ***affectus***: particípio passado do verbo ***afficere***.
Tocar, comover o espírito e, por extensão, unir, fixar (it. ***attaccare*** = estar ligado, vinculado, grudado), também no sentido de “adoecer”.

Afetividade, afecção, do latim ***ad ficere, ad actio***, onde o sujeito se fixa, a que o sujeito se liga.

Passar do conserto para o concerto, deixar de consertar para concertar a cultura.
Passar da polarização para a polaridade – onde o diálogo volte a estar presente.
Abraçar as contradições.

JOANA TUTTOILMONDO

Gambiarra, Birra
Exercitar cotidianamente a capacidade de abrir os olhos e ver o que é necessário.
Deixar a bola para a frente e exercitar a bola para o lado.

HENRIQUE SANTOS

Viver a incerteza com o que pode ser, e não como algo negativo.

BIANCA RAMOS

Lembrar o bem viver, como é o bem viver e como ele pode ser repetido à exaustão.

DÉBORA BRUNO

Percepção de que as coisas não estão como antes.
Tudo está diferente. Estar no mundo parece mais penoso, e do que de fato a gente precisa é focar no essencial.

VILMA CAMPOS

Desejo de mudança, que reúne a percepção das importâncias, do foco, da presença, da respiração.

SANDRA TUCCI

Escutar o que sai e não apenas ouvir,
Como uma urgência do mundo
Escutar o mundo
Escutar a terra
Escutar as almas
Transescutar

GUGA COSTA

Experimentar o vazio como espaço poético, como possibilidade. Entender as “afinidades afetivas”.

TERESA MAS

Entender que reconstrução exige a autorreconstrução, num processo de ressignificar a vida.

CADIJA COSTA

Os sapatos rotos como imagem de uma esperança de mundo, uma esperança ativa, que se movimenta na imaginação e em direção a dias melhores, fazendo o que precisa ser feito.

CARLA VIDAL

Travessias são experimentadas como contato com a espiritualidade, “meu corpo se faz presente na travessia e isso desperta minha memória afetiva”.

IGOR CÂNDIDO COSTA

Presença

“A emergência vai substituir o contemporâneo”

Emergency replace the contemporary

HELOÍSA VIVANCO PIRES

Acolher o afeto, deixar presente a morte e o renascimento.

MARLETH REIS

Acolher o fundamento que nos aterra,
como raízes profundas. Como o bambuzal
de Salvador, soberano.

ISABELA SILVEIRA

Emoção e encontro

ARYANE SÁNCHEZ

Brotar

Germinar a semente

ANA ANGÉLICA COSTA

Vida, lágrima, dor, encontro, dividir
para multiplicar
Poesias de Eduardo Galeano (do livro
Espelhos)

De lágrimas somos
Antes de que Egipto fuera Egipto, el sol
creó el cielo y las aves que lo vuelan
y creó el río Nilo y los peces que lo
andan y dio vida verde a sus negras
orillas, que se poblaron de plantas y
de animales.

Entonces el sol, hacedor de vida, se
sentó a contemplar su obra.

El sol sintió la profunda respiración del
mundo recién nacido, que se abría ante
sus ojos, y escucho sus primeras voces.
Tanta hermosura dolía.

Las lágrimas del sol cayeron en tierra
y se hicieron barro.

Y ese barro se hizo gente.

LUI SEIXAS

Amor como palavra prólogo
como nossa maior tecnologia
como nosso norte
como nossa força

A importância do sonho como cultivo,
como fertilizante da vida,
como ação primordial das nossas práticas.

NATALIA MALLO

Vazio que nos preenche

Vazio como distância

Vazio como potência para o preenchimento

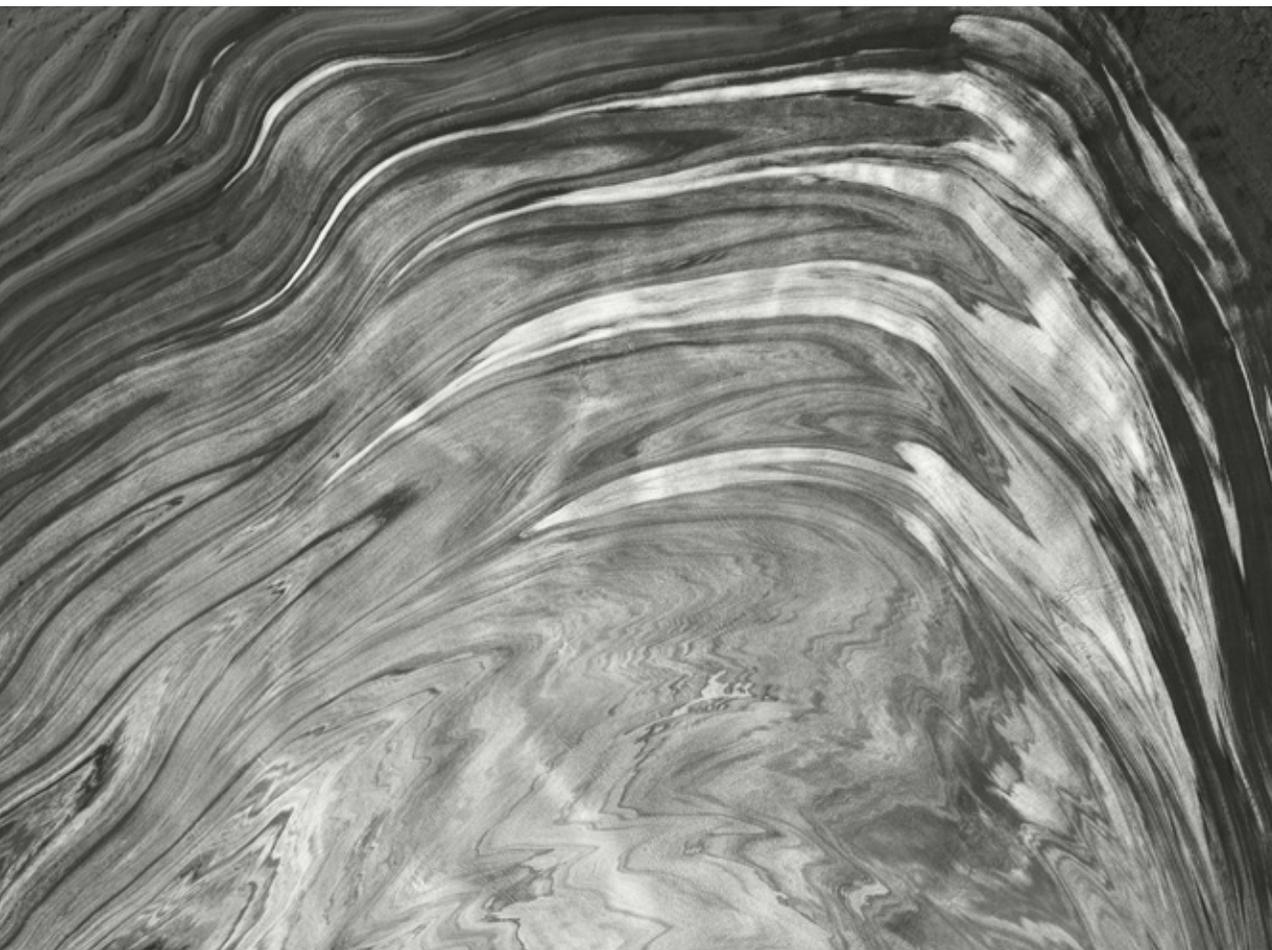
ANDREIA DEODATO

Deixar-se à deriva

“Tudo vale a pena se a alma não é pequena”

KATHARINA CÂMARA

Exercício 3



Trilha Sonora do Laboratório

Embalados pelas discussões sensíveis dos nossos encontros, convidamos todos a participarem da criação de uma *playlist*, com músicas que estavam presentes como fundo das conversas ativadas pelo Laboratório e das questões do período da pandemia. Assim, cada um dos participantes selecionou de uma a duas músicas para compor uma grande *playlist*, que converteu-se em mais um registro de nossos encontros a ser ativado em qualquer tempo e espaço como uma espécie de óleo essencial para momentos de recolhimento ou como ativo para fluxos criativos.

[Spotify](#)

An aerial photograph of a mountainous landscape. A river valley runs through the center, flanked by steep, rocky slopes. The terrain is covered with dense, dark green vegetation, likely forest. The overall scene is rugged and natural.

Ler,

Ver,

Consultar

LER, VER, CONSULTAR

Esta seção traz uma curadoria de referências de livros, artigos, vídeos, atividades, filmes, lives, etc. Parte delas estão ligadas à discussão cultural, porém outras a extrapolam, trazendo reflexões ou temas relacionados a como pensar e atravessar o tempo pandêmico.

Dividimos as referências em LER para a bibliografia selecionada para o Laboratório, VER, para conteúdo em vídeos e CONSULTAR para indicações complementares.

No decorrer do Laboratório, as profissionais convidadas, Beth Ponte e Maria Vlachou, encaminharam referências ligadas às temáticas que abordaram nos encontros. Os participantes do Lab também foram estimulados e trocar sugestões bibliográficas com o grupo. Abaixo, essas as referências podem ser consultadas em listas separadas. Que essas fontes propiciem boas navegações para todos!

LER

Ailton Krenak. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia da Letras, 2020.

Fabio Cypriano. *O espetáculo deve continuar?* Revista Brasileiros, 20 de outubro de 2020.

Lucina Jimenez. A educação em artes em um mundo em convulsão - direitos, convivência e cultura de paz. *Revista Observatório Itaú Cultural 24 - Arte, cultura e educação na América Latina*, jun-dez 2018.

Marta Porto. *Imaginação, reinventando a cultura*. São Paulo: Pólen, 2019. Artigos págs 43-47 e 52-61.

Marta Porto. *Ser ou não relevante, eis a questão*. Texto preparado para debate na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ, mimeo, 2020. Entrevista de mesmo título publicada no [site da UERJ](#).

Revista Observatório Itaú Cultural. Edição especial - Convivência Inter-cultural: perspectiva latinoamericana. março 2020.

Yuval Harari. *Notas sobre a pandemia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

VER

Curso Cultura e Desenvolvimento. Itaú Cultural, maio de 2020.

David Attenborough - A life on our planet [David Attenborough e nosso planeta]. Documentário original Netflix, 2020.

VI Seminário Internacional Virtual - Em defesa da natureza e da cultura - A arte do possível. Arte!Brasileiros e Goethe Institute, 8 e 9 de outubro de 2020.

CONSULTAR

[A new model for caring in museums](#). Podcast Museum Buzz, de Emily Kotechi, com a diretora do museu de Manchester Esme Ward.

Beth Ponte. [Reabertura cultural além dos protocolos](#), Medium, junho de 2020.

[Culture + Community in a Time of Transformation](#). Culture Track e LaPlaca Cohen, 2020.

[Culture Reset](#) - Programa internacional para reimaginar o futuro das artes e da cultura

[Entering Relationships - The cultural transformation paradigm in the time of Covid-19](#) - site do Arts Management Network, Plataforma internacional para Gestores, pesquisadores, estudantes, professores e comunicadores do campo arte e do setor criativo.

[Incluseum](#) - Realização de projetos e blog para construção de práticas colaborativas relacionadas à inclusão em museus

Juan Urraco [et al]. [Enlaces compartidos: activando conversaciones sobre públicos, audiencias y comunidades culturales](#). Ciudad Autónoma de Buenos Aires : Secretaría de Cultura de la Presidencia de la Nación, 2019.

[La Cultura en crisis](#) - Guía de políticas para un sector creativo resiliente. Unesco, 2020.

[Lavrar o Mar](#) - projeto de Madalena Victorino e do Giacomo Scalisi, Algarve, Portugal

Maria Vlachou, [Do silêncio para a hashtag para a tomada de decisão](#), Musing on culture, junho de 2020.

medium.com/@martaporto

medium.com/the-neo-humanist-museum

[Mike Murawski - Museums Are Not Neutral](#) - publicado no blog art-museumteaching.com

[Ministros da Cultura de Espanha, Itália e Alemanha defendem apoio às artes](#). Agência Lusa, 6 de abril de 2020.

[Museums respond to Ferguson](#) - página com a compilação de respostas dos museus aos movimentos de protesto atuais nos EUA contra a brutalidade policial, assassinatos de negros e outros casos de racismo

Museus americanos adotam técnicas de arteterapia - Zachary Small, The New York Times, *O Estado de S. Paulo*, 19 de junho de 2020.

[Museus durante o “apocalipse”: como desenvolver empatia e se conectar com seu públicos](#) - publicação de Beth Ponte no medium.com, 14 de maio de 2020

[Musing on Culture](#) - blog de Maria Vlachou

[Of/by/for all](#) - Aceleradora de mudanças pela diversidade, equidade e inclusão em organizações vinculadas a comunidades

[Plano Nacional das Artes 2019-2014](#) - Cultura e Educação, República de Portugal

[Reflexões sobre a pandemia viram livros inéditos e entrevistas com grandes pensadores no Brasil e no mundo](#). Rodrigo Bertolloto, Ecoa, 2020.

[The Art of Relevance](#) - livro de Nina Simon

[The Empathetic Museum](#) - site criado por educadores, designers de exposição e gestores

[The Future Starts Here](#) - Victoria And Albert Museum, Londres.

[Uma Europa desigual no apoio ao seus sectores culturais](#). Mário Lopes, Público, 11 de abril de 2020.

REFERÊNCIAS DO ENCONTRO COM BETH PONTE

[#For The Culture](#) - Open Letter to NYC Cultural Institutions - carta aberta às instituições culturais nova-iorquinas sobre necessidade de mudança nas relações racistas e sexistas presentes no campo cultural.

[Abre-te Código Brasil](#) - programa que reúne instituições culturais - galerias, bibliotecas, arquivos e museus sobre open data e transparência para organizações culturais

[Decolonize This Place](#) - movimento orientado para a ação e formação decolonial, baseado em Nova York.

[Desafios em tempos de Covid-19](#) - Pesquisa do ICOM Brasil com profissionais e públicos de museus.

[Digital Collabortion Fund](#) - British Council - fundo orientado para colaborações entre organizações do Reino Unido e de outros países em projetos digitais internacionais.

[Digital Culture Compass](#) - Arts Council England.

[Gender Equity in Museum Movement](#) - coalizão de indivíduos e organizações comprometidos com a conscientização e mudança sobre a igualdade de gênero nas equipes dos museus.

[Hábitos Culturais - Expectativa de Reabertura e Comportamento Digital](#). Pesquisa desenvolvida em parceria entre Itaú Cultural e Datafolha, outubro 2020.

[Impactos da Covid-19 na economia criativa](#). Observatório da Economia Criativa - OBEC Bahia.

[Navigating Uncertain Times: A Scenario Planning Toolkit for the Arts and Culture Sector](#). Wallace Foundation.

[Peak Experience Lab](#) - Andrea Jones, Washington, DC.

[We see you White American Theater](#) - grupo de profissionais das artes cênicas - negros, pardos e indígenas - de combate ao racismo no teatro norte-americano.

REFERÊNCIAS DO ENCONTRO COM MARIA VLACHOU

Alexandre Matos. [Virtual vs. Físico: a luta não existente](#), in *Mouseion*, 2020.

Davis Gelles, [Smithsonian's Leader Says 'Museums Have a Social Justice Role to Play'](#), in *The New York Times*, 2020.

Deborah Cullinan, [The time for hope and imagination](#), in *Medium*, 2020.

Deborah Cullinan, [Civic engagement: why cultural institutions must lead the way](#), in *Stanford Social Innovation Review*, 2017

Dennie Palmer Wolf, [Teaching Artists As Essential Workers: Respect, Collaboration, And Heft](#), in *Creative Generation*, 2020.

François Matarasso, [What are we saving and why?](#), in *Parliament of Dreams*, 2020

Jemma Desai, [This work isn't for us](#) (crítica das instituições culturais britânicas por uma profissional da área), 2020.

João Fernandes, [A cultura portuguesa tem de se descolonizar da sua própria história](#), 2020.

MASS Action, [Museums and anti-racism: a deeper analysis](#), 2020.

Maria Vlachou, [A ameaça dos museólogos](#), on *Musing on Culture*, 2020.

Maria Vlachou, [Uma nova definição de museu](#), on *Musing on Culture*, 2019.

Nina Simon, [How can I contribute: four steps I am taking to figure it out?](#), in *Medium*, 2020.

Sarah Bahr, [Is New York's Arts Diversity Plan Working? It's Hard to Tell](#), in *The New York Times*, 2020.

Suyin Haynes, [Why a Plan to Redefine the Meaning of 'Museum' Is Stirring Up Controversy](#), in *Times*, 2019.

Zachary Small, [A new definition of "museum" sparks international debate](#), in *Hyperallergic*, 2019.

REFERÊNCIAS SUGERIDAS PELOS PARTICIPANTES DO LABORATÓRIO:

A Noiva - Igreja do Reino da Arte - Rocinha - Rio de Janeiro/RJ.

Link 1: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/webstories/conheca-a-igreja-do-reino-da-arte>.

Link 2: https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_do_Reino_da_Arte

Alberto Acosta. *O bem viver - uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

Anne Torreggiani. [Making progress towards a citizen-led future Cultural democracy is not in the gift of most cultural institutions, but that doesn't mean there's no role for them](#). The Audience Agency, setembro 2020.

Armando Silva. *Imaginários, estranhamentos urbanos*. São Paulo: Edições Sesc, 2014.

Bruno Latour. *Onde aterrar no Antropoceno?* Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2020.

[Camerata in the Community](#) - Manchester Camerata, Inglaterra.

Christian Dunker. [Formação, informação e deformação. Para a renovação da crítica no espaço público brasileiro](#). *Arte!Brasileiros*. São Paulo 24 ago 2017.

Daniel Wahl. *Design de culturas regenerativas*. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2020.

Dennie Palme Wolf e Jeff M. Poulin. [Disruption And Invention: With, Not For, Young Artists](#). April 3, 2020.

Emanuele Coccia. [O vírus é uma força anárquica de metamorfoses](#), tradução de Damian Kraus, N1 Edições, março de 2020.

Emicida. *AmarElo, é tudo para ontem*. Netflix, 2020.

[Entrevista com o então ministro da cultura Gilberto Gil em Parati](#), 2003. Reuters.

[Fundación Nacional Batuta](#), Colômbia.

Gerhard Dilger, Miriam Lang (et al). *Descolonizar o imaginário - debates sobre pós-extrativismo e alternativa ao desenvolvimento*. São Paulo: Autonomia Literária, Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.

Giovanni Pirelli e Suzie Bianchi. [Cultura, gestão e fé - reflexões sobre a atuação das igrejas evangélicas como centros culturais](#). Trabalho de

conclusão de curso apresentado ao Curso SESC de Gestão Cultural, 2019-2020

Grupo Ponto de Partida - Grupo teatral de Barbacena, Minas Gerais.

Jeff Speck. *Cidade caminhável*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

Jorge Larossa Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação n.19. Rio de Janeiro, jan./abr. 2002.

Jorge Menna Barreto. Restauro - Ativação da obra na #32biena. Bienal Internacinal de São Paulo, 2016.

Lucy Davies. Cultural Ecologies - texto de para o projeto Culture Reset

Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino. Encantamento (sobre política de vida). Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020

Michel Maffesoli. Saturação. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2010.

Milton Santos. *Território e sociedade: entrevista com Milton Santos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

Moacir dos Anjos. Um país esgotado. Arte!Brasileiros, 10 de junho de 2020.

Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos - MUQUIFU. Link 1: <https://pt-br.facebook.com/muquifu/> Link 2: https://www.youtube.com/channel/UCAMjCWZhd-TAvtpdbj9_syg

Pablo Solón. *Alternativas sistêmicas*. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

Pat Cividanes e Ruy Filho. *Adiante - Cultura em futuros*. Podcast da Plataforma Antropositivo. 2020.

Patrice Meyer-Bisch e Mylène Bidault. *Afirmar os direitos culturais: comentário à Declaração de Friburgo*. São Paulo: Iluminuras/Observatório Itaú Cultural, 2014.

Projeto Equal Music. Associação Musical Ilumina, São Paulo.

Reflexões sobre juventudes e liderança para políticas públicas no Brasil. Relatório elaborado por Juliana Luiz e Ana Toni, da Gestão de Interesse Público - GIP e revisado e editado pela equipe de Sociedade do British Council no Brasil. British Council, novembro 2020.

Serge Latouche. *Pequeno tratado do decrescimento sereno*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Simon Woods. A world more embracing. Medium, 17 novembro de 2020.

The Hallé Concert Society - Manchester, Inglaterra - programa de educação.



Laboratório de Espaços Culturais
Revista da 4ª Edição | Ano 2020

Realização:

